



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE LETRAS DE ITABAIANA
ALINE MENEZES LIMA

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NAS PERSONAGENS ANA DAVENGA E
MARIA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Itabaiana/ SE

2022

ALINE MENEZES LIMA

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NAS PERSONAGENS ANA DAVENGA E
MARIA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras (DLI) da Universidade Federal de Sergipe, *campus* Prof. Alberto Carvalho, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras-Português.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Regina Curado Pereira Mariano

Coorientadora: Profa. Ma. Iasmim Santos Ferreira

Itabaiana/ SE

2022

ALINE MENEZES LIMA

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NAS PERSONAGENS ANA DAVENGA E
MARIA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Licenciada em Letras/Português pela Universidade Federal de Sergipe, *Campus* universitário prof. Alberto Carvalho.

Itabaiana/SE, 22 de junho de 2022

Profa. Dra. Márcia Regina Curado Pereira Mariano
Universidade Federal de Sergipe

Profa. Ma. Iasmim Santos Ferreira
Universidade Federal de Sergipe

Avaliadora: Profa. Ma. Daynara Lorena Aragão Côrtes

À Eloina, mãe, a minha gratidão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Deus Pai que me concedeu a vida e ajudou-me a trilhar todo o caminho.

Agradeço à minha Família por todas as palavras de carinho e de incentivo que foram de suma importância para chegar até aqui, e por acreditarem na educação como o melhor caminho para quebrar as desigualdades sociais. Obrigada Eloina, mãe, presente todos os dias de minha vida me ajudando com suas palavras de conforto e de cuidado. Obrigada, meu pai Luiz Gilvan, por todo afeto e carinho que tem comigo.

Gratidão ao meu esposo Janisson Nunes Guilherme, por me auxiliar na concretização desse sonho, com paciência e força.

Às amigas Carol de Jesus Andrade, Laís de Oliveira Sena e Raiane Almeida, minhas parceiras para vida, obrigada por todos os momentos de alegria e de lágrimas que tive ao lado de vocês, pela força e pelo apoio sempre presente. Vocês são presentes de Deus em minha vida.

Agradeço ao meu trabalho na Caixa Econômica Federal, cuja equipe sempre me apoiou para chegar até aqui e incentivou-me a não desistir dos meus sonhos.

Obrigada ao Departamento de Letras de Itabaiana da Universidade Federal de Sergipe pela recepção e pelo comprometimento. À minha orientadora, Profa. Me. Iasmim Santos Ferreira, por todo carinho, dedicação, compreensão e amizade que tens comigo, você é um exemplo para sociedade feminina sergipana, minha querida amiga, obrigada por tudo.

E a todos que contribuíram com meu desenvolvimento direto ou indiretamente como discente: a minha gratidão.

A voz de minha mãe ecoou baixinho revolta no fundo das cozinhas alheias debaixo das trouxas roupagens sujas dos brancos pelo caminho empoeirado rumo à favela. A minha voz ainda ecoa versos perplexos com rimas de sangue e fome (CONCEIÇÃO EVARISTO).

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo estudar as personagens protagonistas dos contos “Ana Davenga” e “Maria”, da obra *Olhos d’água* (2016), da escritora Conceição Evaristo. Para tanto analisamos as categorias narrador e personagem, com base, principalmente, nos estudos de Beth Brait (1985) e Lígia Chiapinni (1985), além de outros estudos críticos. As protagonistas revelam, por meio da narrativa, o desnudamento do sujeito feminino e a violência contra a mulher negra na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Conceição Evaristo. Personagens femininas. Violência.

ABSTRACT

This research aims to study the main characters of the short stories “Ana Davenga” and “Maria”, from the work *Olhos d’água* (2016), by the writer Conceição Evaristo. Therefore, we analyzed the categories narrator and character, based mainly on studies by Beth Brait (1985) and Lígia Chiapinni (1985), in addition to other critical studies. The protagonists reveal, through the narrative, the denudation of the female subject and the violence the black woman in society.

KEYWORDS: Conceição Evaristo. Female characters. Violence.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. APONTAMENTO SOBRE AS BASES TEÓRICAS	
1.1 O FOCO NA NARRATIVA.....	12
1.2 A ESTRUTURA DAS PERSONAGENS.....	14
2. ANÁLISE DO CORPUS	
2.1 ANÁLISE DO CONTO "ANA DAVENGA"	19
2.2 ANÁLISE DO CONTO "MARIA"	24
2.3 ENTRE "ANA DAVENGA" E "MARIA"	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35

INTRODUÇÃO

A escritora Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais no dia 29 de novembro de 1946, logo depois foi morar no Rio de Janeiro na década de 1970. Licenciada em Letras pela UFRJ, atuou como professora da rede pública de ensino da capital fluminense. Mestre em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro, estudou especificamente literatura negra.

A mineira participa ativamente de movimentos de valorização da cultura negra no Brasil. Sua estreia na literatura se deu em 1990 com contos e poemas na série *Cadernos negros*. Ela é considerada pela crítica literária uma autora versátil, pois envereda pela poesia, ficção e ensaio. Possui uma narrativa não-linear marcada por seguidores cortes temporais, em que passado e presente se imbricam. *Ponciá Vicêncio* teve boa acolhida da crítica e do público, mas é com a publicação do livro *Olhos d'água*, que foi finalista no Prêmio Jabuti no ano de (2016) na categoria “Contos e Crônicas”. Além disso a escritora publicou muitas outras que são de suma importância para manter a resistência perante à valorização do ser negro na sociedade.

Neste trabalho de conclusão de curso temos por objetivo analisar os contos “Ana Davenga” e “Maria”, de Evaristo, com ênfase no desnudamento do sujeito feminino e na violência contra a mulher. A partir de uma leitura minuciosa sobre os contos, constatamos a presença de elementos que comportam a formação do narrador e das personagens. A intenção, por meio dessa análise, é apresentar ao público alvo um novo olhar sobre a obra de Conceição como sujeito feminino negro capaz de denunciar as mazelas sociais nas quais as mulheres negras na periferia estão inseridas.

No conto “Ana Davenga”, Ana é a personagem principal e assume o nome de seu homem junto ao seu, torna-se esposa de Davenga. Ele era chefe de uma quadrilha do morro que eles habitavam. Tentou se relacionar com outras mulheres, porém não houve êxito. Apenas uma dessas mulheres foi citada no texto: Maria Agonia, filha de um pastor que pregava em presídios. O rapaz a conheceu e os dois tiveram um pequeno romance às escondidas, mas Davenga tomou uma decisão e convidou Maria Agonia a ir morar com ele no seu barraco na favela. Mas a moça negou o convite, com isso ele se revoltou e ordenou aos seus comparsas que a matassem. Ana, mesmo sabendo do histórico do marido, manteve-se ali, forte e decidida a manter seu relacionamento com Davenga. O desfecho da narrativa mostra um momento conflituoso em que a polícia invade a casa deles

para prender Davenga, este reage, e todos são assassinados brutalmente, inclusive o filho que ainda estava no ventre de sua esposa.

Já no conto denominado “Maria”, homônimo da personagem principal, apresenta a rotina de uma mulher trabalhadora doméstica. Após concluir mais um dia de trabalho, retorna ao caminho de casa satisfeita por levar restos de comida da festa para sua família, além de uma pequena gorjeta como pagamento. A mãe solo usaria a gorjeta para pagar os xaropes dos dois filhos que estavam doentes.

A protagonista se encontrava no coletivo, em direção à sua casa, com o pai do seu filho maior. O encontro com o ex-companheiro, não nomeado na trama, ajuda a criar no conto um tom de felicidade para a personagem que se alegra pelo fato do homem lembrar dela. O conflito da narrativa se dá quando acontece um crime dentro do ônibus, e Maria é brutalmente assassinada, conseqüentemente, impossibilitada de voltar para casa, e passar o recado do ex-companheiro ao seu filho e de entregar os restos de comida às crianças.

Para estudar essas narrativas, temos como referencial teórico a obra de Lígia Chiapinni, “*O foco narrativo*” (1985), a de Beth Brait, “*A personagem*” (1985). Além de outros estudos, como “*LICHAMENTO, o lado sombrio da mente conservadora*”, de Martins (1996), “*A novel legislação do emprego doméstico e a busca por igualdade de direitos*”, de Mascarenhas (2013), e a Constituição Federal, Lei nº 10.741 (2003).

Essa composição teórica é de suma importância para classificação do narrador, com Leite (1985), e para a formação da personagem com Braith (1985). Mais especificamente sobre a violência, o Art. 140 da Constituição Federal apresenta o crime de lixamento, o qual Mascarenhas (2013) relaciona à sua recorrência na sociedade brasileira devido aos grandes problemas de segurança pública e de desigualdade social. Nos capítulos seguintes apresentaremos a base teórica e a análise do *corpus*.

1. APONTAMENTO SOBRE AS BASES TEÓRICAS

1.1 O FOCO NA NARRATIVA

Para estudarmos a estrutura das narrativas em nossa pesquisa, buscamos nos amparar em textos teóricos como o de Ligia Chiapinni Moraes Leite, especialmente *O Foco Narrativo* (1985). Nos parágrafos que se seguem apresentaremos pontos cruciais para entendermos o narrador e seus tipos.

Leite (1985), em seus estudos, buscou analisar o narrador protagonista e como ele se insere nas narrativas, quais características o fazem protagonista. Além disso, ela buscou descrever como os demais personagens são posicionados e descritos na narrativa. O narrador protagonista não tem acesso às mentes das demais personagens, ele só tem acesso exclusivamente às suas próprias percepções. Assim, serve-se de uma imagem ou de um sumário para apresentar as personagens da narrativa com proximidade ou distanciamento por conta do posicionamento adotado no romance.

A obra apresenta como exemplo de narrador protagonista Riobaldo, do romance *Grande Sertão Veredas* (1956), de Guimarães Rosa. *Grande Sertão*, é narrado por Riobaldo que descreve todo o comportamento de Diadorim e suas manias femininas. O protagonista vive um amor platônico pelo seu melhor amigo Diadorim. Em toda a narrativa, não há como saber quem é Diadorim e o porquê de algumas atitudes estranhas para um soldado. Somente ao final da narrativa, Riobaldo segue a amada até o momento do banho no rio, e nesse momento que ele descobre que o jagunço é uma mulher (LEITE, 1985).

A partir desse exemplo informado pela autora, abre-se o leque da importância e das características de um narrador protagonista, pois é a partir dele que o leitor cria suas expectativas e as suas próprias conclusões sobre toda a narrativa, e geralmente ao final da obra, ao desfecho das observações, análises e hipóteses acrescentadas ao romance. Ao contrário disso, em *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis, mesmo ao final da narrativa, não se sabe se Capitu traiu Bentinho, pois a veracidade dos fatos narrados é bastante relativa, visto que é o próprio Santiago quem conta a suposta traição. Por isso, houve vários estudos sobre esse romance e várias tomadas de partido foram adotadas: uns que Capitu traiu, e outros que era apenas um homem ciumento contando a história através de suas próprias conclusões.

A escritora nos apresenta outro exemplo de narrador, com a característica de câmera, significa o máximo em matéria de “exclusão do autor” bem como essa categoria serve para aquelas narrativas que desenvolvem suas cenas a partir de *flash* da realidade, com apanhados a uma câmera que move e flecha no momento exato ao que se quer mostrar ao leitor de uma maneira mecânica e arbitrária como no exemplo de Friedman, no romance de *Isherwood* (1945) que o próprio narrador desde o início se define como uma câmera (LEITE, 1985).

Chiapinni Moraes, aborda um exemplo prático de narrador câmera e a edição brasileira, Affonso Romano de Sant Anna que trata da dificuldade que o leitor colocaria em ler e compreender um texto através de seus fleches, diferente do leitor médio, acostumado a ler e compreender histórias que flui numa sucessão cronológica de episódios. Outro exemplo está no romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), do autor Machado de Assis. *Memórias* é um romance que inicia com a morte do personagem principal, e logo depois o narrador realiza fleches sobre toda a vida do mesmo personagem da infância até a sua velhice (LEITE, 1985).

composição já está organizada e tem seu movimento próprio como uma roda. Já que é um texto em movimento, o leitor tem que segurar firme para acompanhar essa engrenagem, mas para tomar. A máquina andando tem que saber segurar (LEITE, 1985, p. 63-64).

Ou seja, a própria estudiosa descreve como o leitor deve ler as obras para que obtenha a compreensão das informações descritas, pois não está sendo tratado de um tempo cronológico, mas sim de fleches que discorrem a narrativa e colocam sentido ao longo da leitura, agora caberá o próprio leitor descobrir e organizar esse quebra-cabeça imposto pelo próprio narrador, um bom exemplo de narrador câmera e o conto “O Circuito fechado” de Ricardo Ramos, todo o discorrer na narrativa está composta por fleches através de frases coordenadas sucedendo uma após a outra (1985, p. 66).

Segundo Lígia Leite (1985), o filósofo francês Tzvetan Todorov buscou aprofundar os estudos linguísticos em relação ao problema do narrador, ele categorizou os elementos da narrativa em pronome pessoal, tempo, aspecto e tempo verbal, esse modelo de organização foi utilizado por grandes estudiosos como Robnd Marhes e Paulo Valery, julgam que a narrativa é uma extensão da frase e a mesma aplica-se a certas propriedades da linguagem e essas mesmos atributos torna-se um conjunto de informações elementares para composição e compreensão do romance.

A tipologia do narrador de Friedman vai procurar fornecer elementos para responder a essas questões em caso, mas vai basear-se também na distinção de Lubbock e de outros teóricos examinados anteriormente, entre cena e sumário narrativo (LEITE, 1985, p. 26).

O estudo está amparado na organização estrutural da narrativa, pois a partir da base de conhecimento sobre o foco narrativo fica nítido que todos esses elementos são de suma importância para o desenvolvimento do romance, dentro dos critérios literários, relatam os vários contrapontos importantes para a identificação desses elementos e de sua importância literária para o bom desempenho na escrita e na análise da obra (LEITE, 1985).

1.2 A ESTRUTURA DA PERSONAGEM

Para analisarmos a estrutura da personagem em nossa pesquisa, buscamos nos amparar em textos teóricos como o de Beth Brait, em especial *A personagem*. Nos próximos parágrafos que se seguem iremos aprofundar e detalhar os tipos de personagens presentes em alguns textos que foram de grande importância para construção do estudo, além disso será dado ênfase ao narrador câmera, a auto apresentação do personagem e ao personagem como testemunha no texto.

Brait (1985), em suas pesquisas, buscou analisar como é adotado a presença do narrador nos textos, e como podemos visualizar uma personagem. Esses dois construtores de sentido estão dentro do foco narrativo, pois sem eles a narrativa não faria sentido. Assim não teríamos a linearidade ou mesmo a ponte que leva o leitor ao objetivo concreto ou subjetivo na compreensão do texto, com isso a autora cita que não há cinema sem câmera, não há narrativa sem narrador, ou seja, torna-se uma conformidade única de suma importância para compreensão da leitura.

Para esse estudo foi adotado a caracterização da personagem, ou seja, a utilização do narrador em terceira pessoa. Toda essa construção foi para obter as diferentes possibilidades de estruturação da personagem, sem entrar em algumas que a autora relata que está dentro do campo da teoria literária que diz respeito apenas ao narrador, consideremos esse como câmera ou um personagem envolvido direto ou indireto por conta dos acontecimentos na narrativa, que funcionará como ponto de vista para caracteriza os personagens (BRAIT, 1985).

Na obra, a escritora cita um exemplo do romance *Os que bebem como os cães*, do piauiense Assis Brasil. Nessa obra, o narrador envolve o leitor no movimento de uma câmera, e assim ele conta todos os fatos que ocorrem na cena como se estivesse ao lado da personagem, mas, pelo contrário, é uma câmera mostrando o dia a dia desse homem em uma cela de prisão (BRAIT, 1985).

Além disso, a estudiosa descreve o espaço em que os prisioneiros vivem, abre-se de vez em quando para um pátio onde os presos tomam banho, lavam suas roupas, e são violados por uma câmera que não para um segundo de descrevê-los de tal maneira que sabe o que pensam, o que sentem e ainda a descrição do que acham daquele ambiente (BRAIT, 1985). Braith afirma:

A escuridão é ampla e envolvente. O silêncio total, cortado apenas aquele velho barulho que parte de seus ouvidos. Sempre fora assim: quanto silêncio, em paz ou expectativa, o zumbido voltava, em duração enervante, direto como a fala do policial: - Deixa as mãos dele algemadas. Aos poucos ia apalpando o escuro da cela, o silêncio da escuridão, o zumbido do próprio corpo (BRAIT, 1985, p. 43 – 44).

A partir desse exemplo analisado pela autora, abre-se o leque da importância e das características que um narrador possui, os *fleches* dos acontecimentos marcados no romance, a clareza na descrição da cena e da personagem, além de compor uma sequência de informações que são de suma importância para compreensão do texto e para a interpretação do leitor. Assim, o processo de recursos solucionados pelo escritor, descreve, define e contradiz os seres fictícios que se tornam vivos através dos personagens e do narrador que o conduz (BRAITH, 1985).

Então o estudo revela que seremos levados a pensar que esse recurso resulta sempre em personagens densas, complexas e próximas dos abismos insondáveis do ser humano dentro de suas próprias conclusões na narrativa. Entretanto não é uma receita de narrador, tudo dependerá da perícia que o escritor realizará, de sua capacidade de selecionar e combinar os elementos que participam da arquitetura da personagem (BRAITH, 1985).

A obra nos descreve a delicadeza e a sutileza do estilo do contista Dashiell Hammett, que desenvolveu um contraste entre a grosseria do mundo e a criação de seus personagens, ainda focalizou em um narrador em terceira pessoa que filma toda a cena através de câmeras. Esse é um bom exemplo de um conto policial, sendo que o narrador

conseguiu construir personagens que obtiveram muitas combinações e habilidades descritas no conto por completo (BRAIT, 1985).

Segundo o livro, outro exemplo de narrador em terceira pessoa que discorre e observa é o conto “Duas Rainhas”, do contista Dalton Trevisan, considerado um dos maiores contistas refinados brasileiros, devido utilizar técnicas “diabólicas” em sua obra *O Cemitério de Elefantes* para se referir às duas personagens e depreciá-las pela gordura em excesso.

Esse conto aborda um narrador bastante impessoal ao utilizar diminutivos para se referir às rainhas como *gorduchinhas, papelzinho e engraçadinhas* – além de figuras de linguagem como a hipérbole quando descreve *mil bons*, para referir-se à quantidade de bons em sua cama. Isso provavelmente é um exagero e essa figura representa esse excesso muito bem; além das metáforas quando trata do excesso de peso das meninas como uma montanha de doçura gelatinosa (BRAITH, 1985).

Os recursos de linguagem utilizados no conto são importantes para a compreensão de sentido. Isso coloca em contraste semântico as palavras utilizadas para se referir às moças. Além disso, a linguagem enfatiza o sobrepeso das personagens de forma irônica, causando humor e duplo sentido, mostrando-se características bastante presentes na narrativa (BRAIT, 1985).

O livro mostra que o discurso ressignifica o papel do personagem expondo sua interioridade de forma a diminuir a distância entre o escritor e o personagem que ganha vida na narrativa. Além disso apresenta o papel do monólogo devido ao acréscimo de palavras com significado no passado, como é o caso da autora Virgínia Woolf e de Marcel Proust entrados em monólogos de reminiscência devido à antecipação de passagens, de impressões sensoriais, e dos ritos de identificação personagem-narrador (BRAITH, 1985).

A obra apresenta como exemplo de narrador testemunha o protagonista Sherlock Homes, do romance *Um estudo em vermelho* (1887), do autor britânico Arthur Conan Doyle. *Um estudo em vermelho* tem uma personagem de suma importância para toda a sua narrativa: Sherlock Homes. Ele é a testemunha-chave sobre tudo que está ocorrendo na narrativa, pois transcreve com detalhes todos os elementos presentes para compor esse conto policial, ou seja, desvendar o crime através da descrição da vida do principal suspeito e todas essas informações transcritas para que seu leitor obtenha suas próprias conclusões acerca do romance policial (BRAITH, 1985).

Esse recurso presente na obra é a categorização de uma personagem secundária para fazer conhecer a personagem principal, que possivelmente realizou o crime. Além disso essa é uma técnica de pouco uso para esse tipo de narrativa, mas esse romance obedece a todos os recursos necessários para o uso desse tipo de personagem no conto criando ainda mais suspense. Por meio da narração, a recorrência de um discurso direto e indireto que permite recuperar fala, linguagem, a adição de personagens e a construção da narrativa vai operando gradativamente até constituir a totalidade pretendida pelo seu escritor (BRAITH, 1985).

Segundo a produtora da obra, quando se pensa em personagens e em seus tipos, deve-se aprimorar as questões que envolvem a tradição literária e que não toca tão perto esses elementos. Ademais, Braith afirma ter a impressão de as personagens terem existido numa dimensão que os torna imortais, capazes de falar por uma eternidade e obter, na maioria das vezes, o mesmo impacto, sentido e posicionamento de sempre. Essa forma de escrever, de criar está dentro da natureza humana há séculos, e cada obra que marca uma época, geralmente, é recontada, reescrita e tomada como ponto de partida para próximas obras (BRAITH, 1985). É o caso de grandes criadores que compõem a literatura: Homero, Proust, Zola, Balzac, Dostoievski, Stendhal, Machado de Assis, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Eça de Queiroz, Conceição Evaristo, esta última escritora está dentro da pesquisa descrita, e inúmeros outros que fazem e fizeram da literatura arte, poesia, política, denúncia etc. São tantos os adjetivos que se podem citar que não caberiam em um pequeno estudo, e todo esse domínio da escrita e do conhecimento resulta na consistência que espalha os secretos movimentos da realidade, cria e impõe seus próprios movimentos (BRAITH, 1985). No dizer de Braith:

Nesse mundo de palavras, nesse combinatória de signos, o leitor vai se alfabetizar, vai ler o mundo e decifrar a sua existência. Nos olhos de ressaca de Capitu, assim como na ambiguidade de Diadorim e Riobaldo, o leitor vai perseguindo, palavra a palavra, traço a traço, uma construção que, pelo seu encadeamento particular, garante a sua própria existência (BRAIT, 1985, p. 54).

Ao analisar esse trecho verifica-se que a composição de duas obras literárias de grandes autores da literatura brasileira, que com maestria e dedicação tornaram ambas as obras referência para o Brasil, pois aborda do ambiente urbano, com Capitu, ao rural com Diadorim. Ambos tratam de duas mulheres que tinham desejos próprios e buscavam igualdade, como é o caso de Diadorim que se disfarçou de jagunço e só ao final do

romance, Riobaldo descobriu a farsa, enquanto que Capitu não se sabe ao certo se traiu ou não Bentinho com Escobar, pois tudo dependerá do ponto de vista do leitor e das conclusões que ele obtiver com a leitura das obras.

Outros exemplos presentes no livro são os contos de fadas reescritos que adotaram interpretações e temáticas distintas ao longo da história, como é o caso da *Cinderela* (1812), escrito por Jacob e Wilhelm Grimm; obtendo a versão de conto de fadas e a versão erótica. Outra obra de destaque é o romance *Senhora* (1875), escrito por José Martiniano de Alencar, o qual tem por protagonista Aurélia Camargo, cuja força tornou-se referência para as mulheres daquela época e para as de hoje em dia (BRAITH, 1985).

De acordo com as obras descritas acima, os escritores buscaram caracterizar os livros com as manipulações de situações, e a legitimidade através dos métodos utilizados para o desenvolvimento das narrativas, e com isso o narrador em primeira ou em terceira pessoa descreve as minuciosas e sintéticas situações que fazem a diferença no assunto, apresentando os traços dos discursos direto e indireto. No conjunto das obras, há também a necessidade de temas que serão ditados e instruídos pelos instrumentos fornecidos pela arquitetura teórica e a perspectiva crítica (BRAIT, 1985).

Entretanto, nem sempre essa forma acompanha o intuito de todas as obras, essa ação conversa com a literatura de Conceição Evaristo e para temas atuais fornecidos pelo estruturalismo da época, psicanálise, sociologia ou por qualquer outro tipo de área que esteja voltado para um foco narrativo e um objetivo final da obra (1985).

Segundo Brait (1985), não se pode correr o risco de diminuir o trabalho do escritora todos os elementos que compõem a narrativa são de suma importância para que compreendamos a estruturação das obras, porém não podemos deixar de lado todo o conhecimento do autor e o uso de suas próprias técnicas presentes em suas obras que fazem total diferença na construção do tema e do foco narrativo. Por isso seve-se analisar por completo a obra obedecendo toda a construção presente no texto. Em suma, o trabalho de Beth Brait foca na classificação das personagens e no papel que cada uma desempenha para composição da obra. Além disso verifica-se através dos críticos que cada autora absorve e utiliza ferramentas precisas para construção de seus textos.

2. ANÁLISE DO CORPUS

2.1 ANÁLISE DO CONTO “ANA DAVENGA”

Esta análise está amparada na obra *Olhos D' água* (2016), da escritora Conceição Evaristo. Trata-se de um livro que apresenta uma coletânea de quinze contos, em que a autora denuncia a violência na periferia, por meio de uma literatura engajada que permite ao leitor ou a leitura viajar pelo universo da subjetividade e verificar o poder de cada conto entre suas características particulares.

A intenção desse estudo é apresentar um novo olhar sobre a obra de Conceição Evaristo, cujo sujeito feminino negro é capaz de denunciar as mazelas sociais nas quais está inserido. Além de utilizar a favela como ambiente central para conduzir todos os contos e utilizar personagens femininas, em um contexto de violência física, moral e sexual.

A análise é sobre o conto “Ana Davenga”. Nele, conhecemos a história de Ana e de seu companheiro Davenga, um homem que entrou para o mundo da criminalidade. A narrativa desenrola-se por meio de um narrador observador, e em terceira pessoa, o tempo é psicológico, pois a voz narrativa descreve o cotidiano da favela, a partir de suas observações. Sobre a estrutura narrativa, Beth Braith pontua:

[...] a composição já está organizada e tem seu movimento próprio como uma roda gigante. Já que é um texto em movimento, o leitor tem que segurar firme para acompanhar essa engrenagem. Mas para tomar a máquina andando tem que saber segurar e onde estão os vieses de entrada (LEITE, 1985, p. 63-64).

Ou seja, é um conto que apresenta *flash* da vida de Ana Davenga, pois ao iniciar a análise do conto há uma breve tensão, Ana espera o retorno de Davenga após mais uma operação criminoso, e é justamente nesse momento que a narrativa retoma ao momento em que Ana e Davenga se conhecem em uma roda de samba. Com isso o leitor deve buscar em um texto como esse o engajamento das informações para que ao final da leitura todos as cenas de *flash* façam sentido em sua compreensão ou nas palavras de Braith (1985, p. 63-64): “segurar firme para acompanhar a engrenagem”.

A protagonista apaixona-se por Davenga, opta por viverem juntos no barraco dele na favela. Ele era chefe de um bando de homens, que junto a ele planejavam e executavam

crimes, como roubos a bancos e locais de luxo. Cotidianamente, Ana e as outras mulheres esperavam seus maridos retornarem de mais um trabalho.

As batidas na porta ecoaram como um prenúncio de samba. O coração de Ana Davenga naquela quase meia – noite, tão aflito, apaziguou um pouco. Tudo era paz então, uma relativa paz. Deu um salto da cama e abriu a porta. Todos entraram, menos o seu. Os homens cercaram Ana Davenga (EVARISTO, 2016, p. 20).

Nesse trecho observa-se como a vida de Ana era agitada naquele ambiente, pois onde vivia era um verdadeiro quartel, tudo era planejado e desenvolvido dentro de sua casa, porém a moça jamais poderia intervir em nada. Davenga a proibia para sua própria segurança.

Ela não havia confundido a senha o toque prenúncio de Samba ou de macumba estava a dizer que tudo estava bem. Tudo em paz, na medida do possível. Um toque diferente, de batidas apressadas dizia algo mau, ruim, danoso no ar (EVARISTO, 2016, p. 21).

Segundo a voz narrativa, o momento de retorno dos dominadores do morro é simbolizado pelo Samba, a música está associada à concretização do plano e até mesmo aos problemas com Davenga, pois os acordes mais fortes estavam relacionados com problemas e os mais suaves à paz. Ana estava apreensiva porque seu companheiro não havia chegado, embora a música estivesse com som de paz. A personagem permanecia inquieta, só queria que ele chegasse e pudessem comemorar com samba mais uma conquista.

Davenga conheceu Ana em uma roda de Samba, ela estava ali, faceira, dançando macio Davenga gostou dos movimentos do corpo da mulher. Ela fazia um movimento bonito e ligeiro de bunda. Estava tão distraída na dança que nem percebeu Davenga olhando insistentemente para ela (EVARISTO, 2016, p. 24).

De acordo com o conto, é de suma importância essa caracterização que o narrador realiza, principalmente tratando de uma personagem negra da favela, pois em princípio Davenga não estava apaixonado por ela. Pelo contrário, ele estava desejando o corpo de Ana, descrita como uma mulher envolvente, boa dançarina, provida de beleza e de curvas vantajosas que chamavam atenção dos homens, em especial de Davenga. Ele não parava de cobiçar o corpo da jovem, isso representa sobretudo ao corpo da mulher negra que é

objeto de desejo sexual, reduzindo sua identidade apenas ao físico, sem valorizar outros aspectos de Ana.

No dia que Davenga viu Ana no Samba era uma madrugada pós assalto, Davenga estava atento a qualquer movimentação, mas, seus olhos estavam concentrados em Ana, Davenga mudou sua atenção para os movimentos e a dança da mulher. Ela lhe lembrava uma bailarina nua, tal qual a que ele viu um dia no filme de televisão (EVARISTO, 2016, p. 25).

O conto apresenta uma mudança de comportamento de Davenga com Ana, pois ele tinha acabado de assaltar um deputado e a qualquer momento a polícia poderia aparecer na roda de samba, mas, a única preocupação dele naquele momento era continuar admirando o corpo despido da mulher de seu padrão, poderia ser o início de uma paixão, porém Ana realmente é muito bonita e por isso era desejada por muitos homens.

O narrador revela que Davenga gostava de ver o medo e o temor no rosto das pessoas quando praticava seus assaltos. Esse homem sem medo de ninguém, demonstrava admiração por Ana, e não tinha coragem de convidá-la para sair. Davenga era perverso poderia obrigá-la a sair com ele, mas simplesmente a respeita e continua a lhe observar sem pressa. Acontece o inesperado, Ana ao sair do samba, “sorriu para Davenga que imediatamente a convidou para tomar uma cerveja” (EVARISTO, 2016, p. 26).

Estava com sede, queria água e deu – lhe um sorriso mais profundo ainda. Davenga se emocionou lembrou da mãe, das irmãs, das tias, das primas e até da avó, a velha Isolina. daquelas mulheres todas que ele não viu fazia muitos anos, desde que começara a varar o mundo (EVARISTO, 2016, p. 26).

Davenga foi rotulado como um bandido muito perverso, porém há uma reviravolta dos fatos devido à emoção que sentiu ao lado de Ana. O malandro lembrou de mulheres que foram importantes em sua vida, mas que devido às suas escolhas se afastaram dele. Nessa cena, existe a possibilidade dele está sentindo um pouco de saudade ou até mesmo um grau de arrependimento em relação à sua família. Depois desse encontro, Ana e Davenga se uniram e logo depois a moça foi morar com ele em seu barraco na favela.

Davenga já esteve com outras mulheres em sua vida, uma delas foi Maria Agonia, filha de um pastor que pregava na prisão. A moça se envolveu com Davenga, mas, segundo ele, só queria sexo, enquanto ele gostaria de se unir à jovem. Em um determinado dia, faltou sua paciência com a evangélica e afirmou que não queria viver mais às escondidas e ela respondeu que não podia casar-se com um bandido. Com isso, Davenga

mandou seus comparsas matarem a moça e a deixarem despedida. Agonia, foi encontrada morta em um terreno desconhecido. Como o próprio nome da personagem já conduz para o que a moça sentiu no dia em que foi assassinada “agonia” e ao mesmo tempo fica nítido que essa ação de Davenga é traduzida como feminicídio, algo recorrente na sociedade, com isso torna – se o enredo, mas rico em informações recorrentes a violência feminina.

Ana sabia bem qual era a atividade de seu homem. Sabia dos riscos que corria ao lado dele. Mas achava também que qualquer vida era um risco e o risco maior era o de não tentar viver (EVARISTO, 2016, p. 26).

A esposa de Davenga está apaixonada por ele e acredita que as circunstâncias em que vive eram normais, mesmo vivendo com medo de perder um ao outro. Quando chegou na favela para morar, a dançarina não foi bem recebida pelos comparsas de seu marido, percebemos que ela corria perigo dentro da sua própria casa e mesmo assim era firme, não abria mão do seu amor por nada, nem mesmo pela sua própria vida. Como mostra Braith: “O narrador, de forma discreta, vai criando um clima de empatia, apresentando a personagem principal de maneira convincente e levando o leitor a enxergar, por um prisma ao mesmo tempo discreto e fascinado, a figura do protagonista” (BRAIT, 1985, p. 52). Desse modo, notamos que a protagonista do conto se desvela de maneira convincente beirando a discrição e o fascínio.

Na narrativa além das juras de amor, Ana adota o nome do marido ao seu, Ana Davenga. Essa adoção em sua homenagem fica nítido a submissão incorporada por Ana, pois não bastasse ter deixado toda a sua vida para trás, agora incorporava o nome do seu próprio marido ao seu ariscando a própria vida, pois agora ficaria mais conhecida por todos ao seu redor.

Davenga comunicou a todos que aquela mulher ficaria com ele e nada mudaria. Ela era cega, surda e muda no que se referia a assuntos deles. Ele, entretanto, quero dizer mais uma coisa: qualquer um que bulisse com ela haveria de morrer sangrando nas mãos dele feito porco capado (EVARISTO, 2016, p. 22).

Embora Davenga fosse um homem cruel, não envolvia sua mulher em seus negócios fora de casa, afinal não queria seu mal, também não aceitava que sua esposa fosse cobiçada por seus comparsas mesmo sabendo que ela era linda.

Assim o chefe ordenou que aquele que tentasse se aproximar dela morreria, isso foi uma maneira de proteger sua amada e tentar livrá-la de problemas futuros.

Conforme o texto, Ana acreditava que Davenga “Só tinha tamanho, no mais era criança em tudo.” Visto que Davenga tinha muita sensibilidade quando estava com sua esposa principalmente nos momentos íntimos: “Era tudo tão doce, tão gozo, tão dor! A mulher não compreendia a emoção de Davenga ao realizar o ato mais comum entre o casal, às vezes Ana se negava a ter relações sexuais com seu marido porque não aguentava mais o seu choro em um momento de prazer” (EVARISTO, 2016, p. 23).

Davenga que era tão grande, tão forte, mas tão menino, tinha o prazer banhado em lágrimas. Chorava feito criança. Soluçava, umedecia ela toda. Seu rosto, seu corpo ficava úmidos das lágrimas de Davenga. E todas as vezes que ela via aquele homem no gozo pranto, sentia uma dor intensa. Era como se Davenga estivesse sofrendo mesmo, e fosse ela a culpada (EVARISTO, 2016, p. 23).

Ao observar choro de Davenga em um momento no qual o homem deseja expressar o máximo do seu prazer e de sua masculinidade, a cena mostra o oposto disso, já que Davenga chora igual a uma criança. Ana ficava tão incomodada com aquela situação que às vezes se negava a ter relações com ele para não ver o choro, mas Davenga insistia, no final, tudo acabava em muito choro ao ponto de deixar a moça toda molhada com suas lágrimas e passar a noite cuidando de seu choro sem explicação. Esse contraste de força e de sensibilidade por parte de um homem que vive de crimes mostra o quanto as dores humanas são sentidas por todos, independentemente dos caminhos que traçam na vida.

Novas batidas ecoaram na porta e já eram prenuncias de samba. Era samba mesmo. Ana Davenga quis romper o círculo em volta dela e se encaminhar para abrir a porta. Os homens fecharam a roda mais ainda e as mulheres em volta deles começaram a balançar o corpo. Cadê Davenga, cadê Davenga, meu Deus Ana Davenga não havia esquecido, mas também não sabia por que lembrar. Era a primeira vez na vida, uma festa de aniversário (EVARISTO, 2016, p. 29).

Ana, embora fosse esposa do chefe da comunidade, não era vaidosa. Ao descobrir que era uma festa surpresa planejada por Davenga junto com a comunidade, não sabia o que fazer e nem como aproveitar a sua própria festa de aniversário, pois seria a primeira festa dos seus vinte e sete anos de vida. O narrador diz: “mas também não sabia porque lembrar” (EVARISTO, 2016, p. 23), o que demonstra que havia uma certa tristeza, já que Ana já não era a mesma dançarina livre, de sorriso largo. Ali, Ana tinha medo das batidas dos sambas, temia a morte ou a prisão de Davenga e dedicava-se integralmente à nova vida.

No conto, é importante que o escritor deixe bem claro a categorização entre narrador e personagem, tempo e espaço. Na trama em questão, o narrador observador aproxima o leitor para a compreensão dos *flashes*, uma ferramenta linguística utilizada na narrativa, e como uma câmera descreve todos os acontecimentos presentes detalhando todo enredo na cena.

Ademais, com a descoberta da gravidez, Ana sente mais vontade de viver, mesmo diante de um contexto bastante hostil para a chegada de um bebê, Ana continuava fazendo de Davenga a força de sua vida e do seu filho que crescia lentamente em seu ventre.

Davenga vestiu a calça lentamente. Ele sabia estar vencido. E agora o que valia a vida? O que valia a morte? Ir para a prisão, nunca! A arma estava ali, debaixo da camisa que ele ia pegar agora. Poderia pegar as duas juntas. Sabia que este gesto significaria a morte? Se Ana sobrevivesse à guerra, quem sabe teria outro destino? (EVARISTO, 2016, p. 29).

Todavia Davenga pegou a arma e os policiais rapidamente dispararam vários tiros contra o casal, Ana foi encontrada morta ao chão junto de Davenga, com a mão em seu ventre. A linda bailarina tentava proteger seu filho dos tiros, mas infelizmente o pior aconteceu, morria nesse momento mais uma mulher vítima de uma polícia brutal que não poupou, mais uma mãe perdia seu filho ou sua filha para a violência. Davenga era um homem perigoso, que decidiu sua vida ao pegar a arma junto à camisa, não se rendeu por sua família e todos pagaram o preço da violência.

Por meio da narração, e mais adiante pela recorrência ao discurso direto e ao discurso indireto, que permitem recuperar a fala, a linguagem, enfim, a dicção da personagem, a construção vai se operando gradativamente, até circunscrever a totalidade pretendida pelo construtor (BRAIT, 1985, p. 54).

Assim torna-se visível a importância do foco narrativo, da caracterização da personagem e do tempo presente no texto, pois sem essas informações a compreensão do texto não seria objetiva, seria uma desconstrução de sentido ou mera soma de informações. Por isso, o conto “Ana Davenga” cumpre esse leque de informações precisas para construção de uma narrativa clara em relação à categorização dos personagens e do enredo. Pois, a totalidade pretendida pelo construtor é o elemento presente nos textos narrativos responsáveis por esclarecer ao leitor o ponto de vista utilizado na narrativa,

enquanto o foco narrativo é um dos principais elementos presentes em uma narração, já que designa o ponto de vista daquele que narra a história, ou seja, o narrador.

2.2 ANÁLISE DO CONTO “MARIA”

O conto está amparado em um narrador observador, que busca caracterizar todo o exterior e interior no conto. Ele parte dos pensamentos da personagem Maria até o momento de sua morte. O tempo na narrativa é cronológico pois os fatos ocorrem progressivamente com início, meio e fim, e o foco nessa narrativa está firme na vida da trabalhadora doméstica e em tudo que irá enfrentar no caminho de volta para casa.

Segundo Leite, o filósofo francês Tzvetan Todorov buscou aprofundar os estudos linguísticos em relação ao problema do narrador. Ele categorizou os elementos da narrativa em pronome pessoal, tempo, aspecto e tempo verbal, esse modelo de organização foi utilizado por grandes autores como Robnd Marhes e Paulo Valery, eles por sua vez julgam que a narrativa é uma extensão da frase e a mesma aplica-se a certas propriedades da linguagem e esses mesmos atributos tornam-se um conjunto de informações elementares para composição e compreensão do conto (LEITE, 1985, p. 22). Percebemos que no conto em questão essa forma de categorização se faz presente.

No conto denominado “Maria”, a personagem principal é uma mulher negra comum da favela, trabalhadora doméstica, que está retornando para sua casa, em um ônibus coletivo, levando consigo uma gorjeta como pagamento e uma sacola com restos de carnes e frutas. Nesse dia fatídico, ela encontra o ex-companheiro e é vítima de uma bruta violência. Maria é um retrato de tantas mulheres no Brasil de hoje.

A partir desse conto, reportamo-nos ao pensamento de Brait (1985), ao explicar a importância das características que um narrador possui, dos acontecimentos marcados, a clareza na descrição da cena com a personagem, a sequência de informações que levam o leitor à compreensão do texto. Assim, o processo de recursos solucionados pelo escritor descreve, define e contradiz os seres fictícios que se tornam vivos através das personagens e do narrador que o conduz. E é essa impressão que tem o leitor de Evaristo, a de que Maria está bem perto de nós vivenciando um cotidiano de muito trabalho e de violência. Vejamos um fragmento do conto abaixo que retrata vividamente uma cena do dia a dia da protagonista.

No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados e precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir nariz (EVARISTO, 2016, p. 39).

De acordo com o conto compreende-se que Maria não possuía um emprego formal ou não era bem remunerada, pois recebeu gorjetas pelo dia de trabalho na festa da patroa. Vale lembrar que esta mulher retrata a realidade de muitas trabalhadoras domésticas, as quais não recebem remuneração adequada. Gorjeta recebida por Maria seria destinada à compra de remédios para os dois filhos menores e um resto de frango com frutas. Maria precisava daquele dinheiro, pois não tinha marido que pudesse ajudá-la nas despesas de casa e possivelmente os pais dos seus filhos não contribuía com nada. Segundo Mascarenhas (2013):

No Brasil, o trabalho doméstico é uma profissão mais antiga, com 467 anos desde existência marcados pela violência institucional. Deste total, 343 anos foram de trabalho escravo, o final da escravidão parcial (Lei Áurea) obrigou os/ as negras a trabalhar por 48 anos a troco de comida ou por alguns trocados [...] (MASCARENHAS, 2013, p.67).

Esse trecho demonstra como o trabalho desse público era ressarcido com um pouco de comida e pequenas gorjetas, ou seja, ainda não era o suficiente para que essa minoria pudesse viver com dignidade, igual a um cidadão cadastrado por uma pessoa jurídica. Além da exploração trabalhista, tem a física, já que Maria sofre um acidente de trabalho, um corte profundo na mão com uma faca a *laser*, ao final do dia a patroa pagou apenas o combinado e não fez nada para ajudar a mulher a cuidar do ferimento.

Ao entrar, um homem levantou lá de trás, do último banco, fazendo um sinal para o trocador. Passou em silêncio, pagando a passagem dele e de Maria. Ela reconheceu o homem. Quanto tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. Ela se lembrou do passado do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjoo (EVARISTO, 2016, p. 40).

A personagem “Maria” é um exemplo de mulher simples, que buscava um amor e um companheiro para vida, ao encontrar seu antigo companheiro tudo que estava no passado veio com tom de saudade, a personagem ainda nutria algum afeto. Foi um encontro emocionante para ambos, um clima de amor e cuidado se formou naquele momento, o homem foi recíproco com a ex-mulher, falou que sentia saudades dela, do

filho, da vida a dois, e que tudo se resumia em um “buraco no peito de saudades”, depois de tudo que ele fez com ela, a vida não tinha mais sentido. Maria lembrou da felicidade em descobrir que estava grávida do seu primeiro filho e explicava que foi uma alegria imensa saber que era um menino.

Era tão difícil ficar sozinha! E dessa deitadas repentinas, e loucas, surgiam os dois filhos menores. E veja só, homens também. Homens também? Eles haveriam de ter outra vida. Com eles tudo haveria de ser diferente. Maria, não te esqueci! Tá tudo aqui no buraco do peito... (EVARISTO, 2016, p. 40).

Embora, Maria estivesse feliz com o reencontro entre o seu primeiro marido, não esqueceu de seus filhos um só minuto. Ela afirma que teve outros dois filhos com outros homens, mas essa mãe não desamparou nenhum. Pelo contrário, percebeu -se uma ligação à maternidade de tal forma que concebeu -se como responsável solo pelas crianças e mesmo vivendo na miséria busca todos os dias levar ao menos a comida para seus filhos, e ainda parece educá-los de uma maneira que seus futuros sejam bem melhores que o de seus pais.

Ela sabia o que o homem dizia. Ele estava dizendo de dor, de prazer, de alegria, de filho, de vida, de morte, de despedida. Do buraco saudade no peito dele... Desta vez ele cochichou um pouquinho mais alto. Ela ainda sem ouvir direito, adivinhou a falta dele. Um abraço, um beijo, um carinho no filho. E, logo após, levantou rápido sacando a arma (EVARISTO, 2016, p. 41).

Nesse momento, todo o clima de amor e saudade se transformou em um verdadeiro filme de terror, pois Maria nunca tinha presenciado um assalto tão perto, a mulher estava com muito medo de morrer, pois todo o conto de fadas daquele momento transformou-se em medo. Maria foi a única que não foi roubada, ela respirou aliviada, pois aqueles restos de comida iriam fazer muita falta naquela noite aos seus filhos, aquele homem que jurava saudade, podia ter poupado sua ex. companheira desse desgosto. Pelo contrário, roubou a todos e não pensou um minuto em Maria ou até mesmo em seu filho, parecia que nada tinha acontecido minutos antes do assalto. O narrador se encarrega de nos mostrar bem a cena. Nas palavras da estudiosa Braith:

Como podemos receber uma história sem a presença de um narrador? Como podemos visualizar uma personagem, saber quem ela é, como se materializa, sem um foco narrativo que ilumine sua existência? Assim como não há cinema sem câmera, não há narrativa sem o narrador (BRAITH, 1985, p.42)

Desse modo, analisando o texto de acordo com a concepção de narrador de Brait, fica nítido a importância desse elemento crucial para o desenvolvimento da narrativa, pois é por meio dele que há o engajamento necessário para que cada cena faça sentido no texto, pois torna-se a voz ativa, permitindo ao leitor a compreensão, ao mesmo tempo dando a progressão necessária ao texto.

A trama segue:

Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente, conhecia os assaltantes. Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro. Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes (EVARISTO, 2016, p.41).

Nesse instante, a personagem estava com muito medo, pois aquela mulher estava sendo acusada de participar do assalto, com vários xingamentos de “puta safada”. Os passageiros se aproximaram daquela mãe com muita raiva, capazes de machucá-la, alegando que ela era cúmplice do assaltante. A pobre mulher tenta defender-se, mas eles estavam irredutíveis, cada vez mais aumentavam os xingamentos, o que é crime. Segundo o artigo 140 da Constituição Federal, a violência moral é crime e os autores podem ser processados por difamação, calúnia e preconceito racial. Ainda, esse mesmo artigo preconiza que injuriar alguém, ofendendo-lhe a dignidade é pena de um a seis meses de prisão ou multa. As calúnias que estão classificadas nesse artigo referem-se à qualidade ofensiva, de expor defeitos ou opiniões que desqualifiquem a pessoa. O exemplo mais comum são os xingamentos, nesse caso do conto a expressão “Putá safada”. Além disso injúria consiste na utilização de elementos referentes à raça, à cor, à etnia, à religião ou aos portadores de deficiência ou idosos (Lei nº 10.741, 2003).

O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olho só, a negra ainda e atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha!... (EVARISTO, 2016, p. 42).

No conto o momento era de tensão, Maria foi agredida moralmente e consolidou-se fisicamente por um homem que se acha dono da razão mediante à situação deprimente. Com isso, ao invés de haver uma pausa na confusão, acontece o contrário. Alguém no meio da briga solicitou que linchasse a pobre mulher que não tinha ninguém naquele momento para defendê-la das acusações sem fundamentos dos passageiros.

Apesar de todas as conquistas femininas até aqui, é justo afirmar que a perseguição em volta do gênero feminino ainda é muito vigente, como o caso da personagem Maria que foi violentada moralmente e psicologicamente recebendo xingamentos que ferem sua honra, como puta safada, e no final o sexo oposto agrediu publicamente com um tapa em sua face.

Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos! A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos iriam gostar do melão. Tudo foi tão rápido, tão breve, Maria tinha saudades de seu ex. marido. Por que estavam fazendo isto com ela? E homem havia ser dado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado (EVARISTO, 2016, p.42).

De acordo com o conto, a personagem principal foi “pisoteada e teve seu corpo dilacerado”. Antes de sua morte, a pobre mulher delirava pensando no retorno para casa, lembrava dos filhos, no ex-marido e na mensagem que tinha que passar ao filho mais velho sobre seu pai. Infelizmente, a mulher morreu no meio da confusão, mais uma mulher perde sua vida para violência e o machismo, filhos perdem sua mãe e provavelmente irão para um abrigo. O futuro que Maria esperava para seus filhos minutos antes do linchamento, agora pode tornar-se mais distante.

Os números casos de linchamento no Brasil, nos últimos 20 anos, sugerem que as mudanças sociais estão ocorrendo em direção oposta à das orientações cognitivas adotadas pelos cientistas sociais. Os linchamentos indicam que a cultura popular, nas circunstâncias do desenvolvimento e da modernização excludentes, nem sempre é e nem está necessariamente voltada para a afirmação de tradições que dignificam o homem e afirmam sua emancipação e sua liberdade. Eles revelam sem dúvida uma mentalidade sem compromisso com o primado do social e dos direitos da sociedade em relação ao indivíduo (MARTINS, 1996, p. 11).

Martins (1996) relata que a sociedade dos últimos anos está cada vez mais oprimindo o próximo de uma maneira desumana e agressiva, pois o amor ao outro, em especial ao sexo feminino está cada vez mais complicado nas relações. Há muitos conflitos, a violência como resposta da violência seja física seja verbal, a tolerância encontra-se escassa, principalmente tratando-se de uma mulher, preta da favela, um retrato bastante recorrente nos telejornais e nas grandes e pequenas cidades.

Segundo o estudo de Leite (1985), o conto está amparado na organização estrutural do texto, pois a partir da base de conhecimento sobre o foco narrativo fica nítido

que todos esses elementos são de suma importância para o desenvolvimento do romance, dentro dos critérios literários. A os vários contrapontos importantes para a identificação desses elementos e de sua importância literária para o bom desempenho na escrita e na análise da obra.

2.3 ENTRE “ANA DAVENGA” E “MARIA”

Nos contos “Ana Davenga” e “Maria” o tempo é marcado cronologicamente devido à sequência de acontecimentos presentes nas cenas. Em “Ana Davenga”, há presença de um pequeno *flash* de câmera sobre dado momento no enredo, pois inicia com uma linda festa planejada secretamente por Davenga para Ana. Logo depois o narrador encerra esse episódio e retoma ao conto discorrendo sobre como era a vida de Ana e Davenga e marcando a noite que se conheceram no samba.

Chiapinni (1985) aborda um exemplo prático de narrador câmera e a edição brasileira, Affonso Romano de Sant’Anna que trata da dificuldade que o leitor colocaria em ler e compreender um texto através de seus flashes, diferente do leitor médio, acostumado a ler e compreender histórias que flui numa sucessão cronológica de episódios. No conto “Maria”, o tempo é cronológico, pois o narrador utiliza dessa ferramenta literária para apresentar a leitoras uma sequência de cenas de suma importância para o enredo. Pois, na primeira cena, Maria está à espera do transporte público para retornar à sua casa após um dia de muito trabalho. Na segunda cena o reencontro da trabalhadora doméstica com seu ex-companheiro e pai do seu primeiro filho. Na terceira cena, a confusão no ônibus após o assalto.

O narrador, de forma discreta, vai criando um clima de empatia, apresentando a personagem principal de maneira convincente e levando o leitor a enxergar, por um prisma ao mesmo tempo discreto e fascinado, a figura do protagonista (BRAIT, 1985, p.52).

Brait (1985), em suas pesquisas, buscou analisar como é adotado a presença do narrador nos textos, e como podemos visualizar uma personagem. Esses dois construtores de sentido estão dentro do foco narrativo, pois sem ele narrativa não faria sentido. Assim não teríamos a linearidade ou mesmo a ponte que leva o leitor para o objetivo concreto

ou subjetivo na compreensão do texto. Com isso a autora cita que não há cinema sem câmera, não há narrativa sem narrador, ou seja, torna-se uma conformidade importante para compreensão da leitura.

Assim, ambos os contos apresentam tempos narrativos diferentes e é essa diferença que o fazem tão próximos, contudo os personagens estão à espera de algo Ana, de seu marido, e Maria, de um transporte público. Com os *fleches* da cena do primeiro conto deixa o leitor mais intrigado, pois, nesse primeiro momento, o enredo já aborda precisas informações sobre a personagem Ana, moradora da favela, esposa do chefe do morro, negra, dançarina e mulher.

Além disso, Ana era caracterizada como uma mulher muito bonita, dançarina de samba e de uma personalidade forte. Mesmo não sendo aceita pelos comparsas de seu marido, não vai embora, decide ficar ali, porque acreditava que em qualquer vida que se escolhesse haveria riscos. Além disso, Ana sofre assédio, mesmo não sendo aceita devidamente na favela como a mulher do chefe do morro, a dançarina é cobiçada pelos próprios comparsas de seu marido. No entanto, esse acontecimento não deixa a linda bailarina abalada pelo contrário ela luta para ocupar sua posição de respeito na sociedade.

Enquanto que no conto “Maria”, a personagem não é caracterizada por sua forma física, mas por ser uma mulher forte, negra da favela e mãe solteira. Maria é a representação das várias mulheres negras e trabalhadoras domésticas que sofrem violência trabalhista, moral e física, assim a luta pela vida mesmo sabendo que naquele instante tudo pode acabar. A escritora busca nesse enredo apresentar o quanto a mulher negra é desvalorizada e agredida violentamente pela sociedade.

O espaço que ocorre todo o desfecho de ambas as narrativas é oposto, o de Ana é dentro do seu quarto com Davenga e seu filho em seu ventre. Já o de Maria, é dentro do ônibus que voltava para casa quase todos os dias. Além disso, estamos tratando de narradores observadores, que transmitem toda a narrativa através de suas próprias observações e conclusões. Esse exemplo de narrador câmera está presente na obra da autora Lígia Chiapinni, no livro “*O foco narrativo*”, pois esse narrador utiliza uma cena que está no final do conto como uma “suposta” introdução de como será o enredo narrativo.

Os narradores dos contos “Ana Davenga” e “Maria” possuem algo em comum, narram todo o conto em uma sequência de cenas que envolvem o leitor na trama de uma maneira natural e simbólica, pois os temas abordados são bastante atuais: violência,

mulher, favela, negritude. Ademais, a representação de duas mulheres negras pela escritora Conceição Evaristo ganhou um novo viés, deixou de lado a caracterização das mulheres da favela consideradas pelo senso comum preconceituoso como feias, mau arrumadas e sem educação, principalmente pela personagem Ana, uma mulher negra, dançarina, muito bonita. No entanto, esta sofre outro tipo de violência: o assédio sexual.

Enquanto que Maria não foi caracterizada pela beleza corporal, mas sim pela grande mãe, mulher e trabalhadora que a autora nos apresenta. A empregada sofre violência trabalhista, já que não recebe uma remuneração adequada pelos seus dias de trabalho doméstico. Na volta para casa é acusada de participar de um assalto dentro do ônibus, pois seu ex-companheiro senta ao lado de Maria e conversa com ela sobre seu filho, logo depois assalta o ônibus. Nessa situação, os passageiros se revoltaram contra a mulher e ocorre uma sequência de xingamentos como “puta safada”, “negra safada” e “negra atrevida”.

Maria mesmo ouvindo tantas barbaridades tenta defender-se de todas aquelas acusações, não baixava a cabeça de forma alguma. Por isso um homem não identificado na narrativa a xingou de “negra atrevida” e acertou um tapa em sua face. O motorista tentou ajudar a pobre mulher, alegando que ela era trabalhadora, mãe e que quase todos os dias retornava do seu trabalho naquele ônibus, mesmo assim Maria foi linchada até a sua morte. Essa personagem está representando todas as Marias ou mulheres que sofrem violência trabalhista, moral e física todos os dias, e que mesmo assim lutam pela vida até o último momento, e mesmo sendo xingadas, pisoteadas e agredidas, lutam pela vida até o último suspiro alegando ser inocente naquela situação covarde e desumana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para analisarmos os contos “Ana Davenga” e “Maria” tomamos como base teórica fundamental os estudos de Braith (1985) e de Leite (1985). Assim, enfocamos as personagens principais Ana e Maria e os narradores observadores de cada conto. Concluimos que narrador observador apresenta indícios de narrador câmera já que a história de Ana é narrada em *flashes* a apresentando uma sequência de fatos.

Conceição Evaristo demonstra de uma maneira impactante a aproximação emaranhada entre as personagens e seus leitores através da emoção presente nos contos. Com isso o leitor a sentir compaixão por aquelas tão bem representadas como personagens femininas. Mesmo tratando-se em contexto de vidas distintas, o desfecho de Ana e de Maria foi igual: morreram assassinadas.

Há semelhança entre os contos “Ana Davenga” e “Maria”. Ambos tratam de mulheres negras da periferia, que têm um tiveram algum relacionamento amoroso com homens envolvidos com a criminalidade e são acometidas de morte brutal. Ana é caracterizada por ser uma personagem forte, amorosa, dona de si, de suas próprias convicções, dançarina de samba que se torna esposa de Davenga. Já Maria é uma trabalhadora doméstica cuja aparência não é descrita no conto, mas seu caráter é posto em evidência, mãe solteira de três filhos menores, que sustenta sua família com seu trabalho.

Conceição Evaristo possui uma linguagem forte em seus textos, faz com que seus leitores concluam a leitura pensando na cidadania e na desigualdade social. Os contos nos levam a sensações ímpares que não deixam dúvida sobre o poder que a literatura de Conceição provoca: dor, revolta; principalmente devido a violência contra mulher, sobretudo, a preta e pobre. Evaristo retrata a banalização do sofrimento humano comum em nosso cotidiano e nos leva ao sentimento de compaixão, humanizando-nos.

Por meio das análises nos contos e do embasamento teórico presente, concluimos que a escrita de Evaristo possui uma percepção sobre o sujeito feminino negro e suas produções literárias. O leitor, como descreve Brait (1985), é submerso por informações que o próprio deve descobrir através de uma leitura minuciosa e ao mesmo tempo embasada para compreender o desfecho final no conto, o que intensifica a utilização de um monólogo interior dentro das narrativas. Cada angústia, cada sofrimento, cada tentativa de fuga da realidade circundante e envolvente, assim o leitor consegue

interpretar o texto de uma maneira transparente e envolvente. Por conseguinte, aquele que lê passa a ter um olhar crítico e conscientiza-se de universos até então ignorados.

Com todas essas observações acerca do desvelamento da realidade cotidiana e vivenciada pela população afrodescendente habitada nas favelas do Rio de Janeiro, Conceição revela uma cidadania negada a esse grupo social menosprezado e, através do poder da linguagem e da escrita, resgata a autoestima desse grupo dando voz aos desprestigiados em seus escritos. Esse é o propósito da literatura engajada, compromissada em denunciar as mazelas sociais.

REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. **Olhos D`água**. Rio de Janeiro: Ed. Pallas, 2014.

JURIDIÇÃO. Constituição. Dos crimes contra a honra. Art. 140, Injúria. Produtos e Campanhas; semanal, 2015. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/injuria-racial> Acesso em: 02 de junho de 2022.

MARTINS, José de Souza. Linchamento, o lado sombrio da mente conservadora. Tempo Social; **Ver. Social**. USP, S. Paulo, 8 (2): 11 – 26, outubro de 1996.

MASCARENHAS, Luiz. **A novel legislação do empregado doméstico e a busca por Igualdade de direitos**. Monografia, Brasília, v. 1º, p. 57, 2013.

WARLEY, Souza. Conceição Evaristo. Portugues.com.br. Disponível em: <https://www.portugues.com.br/literatura/conceicao-evaristo.html>. Acesso em: 02 de junho de 2022.